

# MUNDO à beira do ABISMO

Órgão independente que monitora crises sanitárias aponta um cenário sombrio de despreparo no caso de futuras pandemias. Lançado em meio à emergência de ebola na África, relatório pede fundo permanente em resposta à ameaça de doenças infecciosas

» PALOMA OLIVETO

Seis anos depois da devastadora pandemia de covid-19, o mundo está mais despreparado para enfrentar novas ameaças à saúde global, segundo um relatório divulgado ontem pelo Global Preparedness Monitoring Board (GPMB), órgão independente criado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e pelo Banco Mundial. O documento foi lançado na 79ª Assembleia Mundial da Saúde, em Genebra, um dia depois de a agência da ONU declarar o ebola causado pelo vírus Bundibugyo, na República Democrática do Congo e em Uganda, uma “emergência de importância internacional”. Até ontem, 105 pessoas haviam morrido na nova epidemia e 390 casos estavam sob investigação.

O documento *Um mundo à beira do abismo: prioridades para um futuro resiliente a pandemias* sustenta que, enquanto surtos de doenças infecciosas se tornam mais frequentes, esses eventos também provocam mais danos, com impactos cada vez maiores na saúde, economia, política e sociedade. Ao mesmo tempo, segundo os autores, a cooperação internacional, a confiança pública e o compromisso político com a saúde global estão se deteriorando.

Na abertura da Assembleia, o diretor-geral da OMS, Tedros Ghebreyesus, mencionou a epidemia de ebola, na África central e na oriental, e o surto de hantavírus registrado em um navio de cruzeiro. “Esses dois episódios são apenas as crises mais recentes em nosso mundo, vítima de múltiplas turbulências”, alertou. “Dos conflitos até as crises econômicas, passando pela mudança climática e pela redução da ajuda internacional, vivemos uma época difícil, perigosa e fonte de divisões.”

## Trajetória

O relatório lançado ontem, que analisa uma década de emergências sanitárias, incluindo ebola, mpox, zika e covid-19, detectou que “a trajetória do risco pandêmico está indo na direção errada”. Apesar de avanços científicos importantes, como vacinas desenvolvidas em tempo recorde, ferramentas digitais e inteligência artificial, o planeta não está significativamente mais seguro”, diz o documento.

“As soluções existem. Mas, sem confiança e equidade, elas não chegarão às pessoas que mais precisam delas”, disse, no lançamento, Kolinda Grabar-Kitarovic, copresidente do GPMB. “Líderes políticos, a indústria e a sociedade civil ainda

Fabrice COFFRINI / AFP



Diretor-geral da OMS fala na abertura de assembleia: “Hantavírus e ebola são apenas as crises mais recentes em nosso mundo”

podem mudar a trajetória da preparação global, caso transformem seus compromissos em progresso mensurável antes da próxima crise”, acrescenta o relatório.

Grabar-Kitarovic destacou que o diagnóstico chega em um momento delicado para a saúde global. Países ricos reduziram financiamento internacional — os Estados Unidos, por exemplo, saíram da OMS sob a administração Donald Trump —, tensões geopolíticas dificultam respostas coordenadas e movimentos de desinformação corroem a confiança nas instituições sanitárias, lembrou.

Segundo o relatório, o mundo entrou em uma era marcada pela convergência de crises: mudanças climáticas, conflitos armados, deslocamentos populacionais, urbanização acelerada e degradação ambiental ampliam o risco de surgimento e disseminação de novos patógenos. Ao mesmo tempo, sociedades saíram da pandemia mais pobres, mais polarizadas e mais desiguais. “O maior dano da última década foi a erosão da confiança”, afirma.

O documento aponta que a perda de credibilidade atinge governos, organismos multilaterais, cientistas e até a indústria farmacêutica, dificultando a implementação de medidas

AFP



Posto sanitário em Goma, na República Democrática do Congo

rápidas de contenção no caso de uma pandemia. “Se a confiança e a cooperação continuarem a se deteriorar, todos os países ficarão mais vulneráveis quando a próxima pandemia chegar. O preparo não é apenas um desafio técnico — é um teste de liderança política”, disse Joy Phumaphi, copresidente do GPMB.

## “Fadiga”

O relatório também identifica o que os autores chamam de “fadiga da equidade”. Depois da indignação

saúde pública internacional. O documento critica acordos de compra antecipada, restrições a exportação e concentração da produção farmacêutica em poucos países. Sem mecanismos obrigatórios de compartilhamento de tecnologia e produção regionalizada, o padrão tende a se repetir na próxima pandemia, destacaram os autores.

Os impactos econômicos também preocupam. O relatório lembra que a covid-19 provocou a maior contração econômica global desde a Segunda Guerra Mundial e deixou uma herança de endividamento público, inflação e reorganização das cadeias produtivas. Entre 2020 e 2030, as perdas acumuladas da economia mundial podem ultrapassar US\$ 50 trilhões. Mesmo epidemias menores, como ebola e zika, tiveram consequências profundas para educação, emprego e pobreza, diz o texto.

## Prioridades

Apesar do cenário desfavorável, o relatório aponta caminhos possíveis. O GPMB defende três prioridades centrais para a próxima década. A primeira é criar um sistema independente de monitoramento global de risco pandêmico, usando

## » Vacina em teste

Pesquisadores da Universidade de Ciência e Tecnologia da China desenvolveram uma vacina de mRNA de amplo espectro para os vírus ebola, incluindo os subtipos do Sudão e o que circula atualmente na África, o Bundibugyo. O imunizante combina mRNA que codifica glicoproteínas de cada micro-organismo e a nucleoproteína conservada nos três vírus em uma única nanopartícula lipídica. Quando administrada duas semanas antes da infecção, a substância vacina proporcionou maior proteção em modelos animais. O estudo foi publicado na revista *Plos One* e, segundo os autores, “oferece uma abordagem promissora para o desenvolvimento de uma vacina contra múltiplos ebolavírus”.

inteligência artificial e ferramentas digitais para detectar ameaças precocemente e produzir alertas confiáveis. A segunda é garantir acesso equitativo a vacinas, testes e medicamentos, incluindo transferência obrigatória de tecnologia, produção regionalizada e fortalecimento da capacidade industrial de países de baixa e média renda.

Por fim, os autores defendem a criação de um fundo permanente para preparação pandêmica, “evitando o padrão de pânico seguido de abandono observado após cada crise sanitária”. O relatório propõe mecanismos de financiamento automático para os primeiros dias de novos surtos, permitindo respostas rápidas sem depender de negociações políticas emergenciais.

Os autores consideram 2026 um ano decisivo para a saúde global. As negociações finais do acordo pandêmico da OMS e uma nova reunião de alto nível da Organização das Nações Unidas sobre preparação para pandemias são vistas como oportunidades para transformar promessas em compromissos concretos.

“O mundo não vai retornar à era pré-pandemia”, alerta o documento. “A diferença entre uma crise localizada e uma catástrofe planetária dependerá da capacidade dos países de reconstruir confiança, fortalecer sistemas públicos e cooperar antes que o próximo vírus apareça.”

## Três perguntas para

**CRISTIANO GAMBA, infectologista do Hospital Samaritano Paulista**

### Como a desinformação e a polarização política passaram a influenciar o controle de surtos e campanhas de vacinação?

Quando um determinado país ou região está enfrentando um surto, precisa de uma ação coordenada de técnicos que respondam às demandas de ações. Mas, quando há várias fontes de informação não confiáveis, não baseadas em evidência, isso atrapalha todo o processo de gestão no controle do surto e faz com que o dano seja maior. Isso ficou muito claro na pandemia da covid-19, onde a gente via grupos de determinadas linhas políticas sendo antivacina, contra o

isolamento, contra o uso de máscara e a gente viu de forma clara o impacto que isso deu quando tivemos no Brasil uma mortalidade maior do que em outros países. Isso não é restrito ao Brasil, a gente percebe vários outros países onde essas discussões maior ou menor acontecem, mas a disseminação de informações falsas por redes sociais e por grupos de WhatsApp está muito facilitada.

### O acesso desigual a vacinas, testes e tratamentos continua sendo um dos maiores problemas das crises sanitárias?

Com certeza o acesso a vacinas e aos testes diagnósticos são desiguais. Um exemplo claro agora do ebola é que no caso da República Democrática do Congo, onde

Arquivo pessoal



existem mais de 240 casos prováveis, mas, desses, apenas 13 foram testados com oito confirmações até sábado. Então, há muitos casos suspeitos, com poucos testes, sendo que a maioria dos testados vieram positivos. Há uma discrepância muito grande. Outro ponto é que as vacinas e as medicações têm um custo muito elevado. Até tempos atrás, a gente via que países de primeiro mundo reservavam uma parte do seu recurso interno para socorrer países menos favorecidos, principalmente da África. Mas, agora, algumas políticas, principalmente dos Estados Unidos, cortaram os repasses, aumentando a vulnerabilidade.

### Quanto à emergência atual de ebola, o que a diferença da

### epidemia da África Ocidental entre 2014 e 2016?

O cenário atual é consequência de uma situação que já existe há alguns anos. Primeiro, observamos a falta dos testes e as faltas das condições de conter os pacientes. Outro ponto que é importante agora é que a República Democrática do Congo é um país marcado por vários surtos de ebola desde a década de 1970, e a maioria está associada ao subtipo ebola. O que tem de novo agora é que o subtipo que circula — o Bundibugyo — quase não circulou antes. Ele tem um agravante porque a maioria das vacinas e medicações e tratamentos que estavam sendo testados eram para o subtipo antigo. Então, não sabemos o real comportamento desse patógeno. (PO)